

# Brasilquistão

» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF  
Jornalista

Amontanha de evidências e provas de que o ex-presidente Jair Bolsonaro estava tramando, junto com alguns militares de alta patente, um golpe de Estado, tornou-se absolutamente cristalino para quem acompanha a política brasileira. A reunião ministerial em que o chefe assume que vai perder a eleição, mas algo precisaria ser feito para evitar este desfecho, é autoexplicativa. Alguns dos ministros presentes, que nada tinham a ver com o assunto, comentaram a sua perplexidade diante do esquema preparado com antecedência para chegar àquele teatro que foi gravado por alguém que decidiu se prevenir.

O ex-presidente, segundo interlocutores que com ele estiveram em reuniões restritas, são unânimes em afirmar que o então chefe de governo não tinha capacidade para discutir qualquer assunto por mais de três minutos. Ele rapidamente mudava de assunto e começava a contar piadas de gosto duvidoso. Até um dirigente estrangeiro se mostrou surpreso porque na reunião com o brasileiro ouviu piadas de cunho sexista inapropriadas para aquele momento. A primeira conclusão é simples: Bolsonaro estava absolutamente despreparado para assumir o cargo de presidente da República.

Ele nunca foi chegado a uma leitura. Desconhece os clássicos, não sabe o que é teatro e ignora a história do Brasil e do mundo. Com palavras de calão, admitiu que por sorte (o adjetivo não foi este) ele chegou à Presidência da República. Nos seus quatro anos de devaneio político, este curioso personagem se recusou a trabalhar ou planejar qualquer tipo de ação em favor do país. Destruíu a área da educação, com a nomeação de ministros incompetentes. Na saúde, fez pior: colocou militares, que além de não entenderem do assunto, tentaram montar um sistema de corrupção em torno da compra de vacinas. Naturalmente, a covid-19 era uma gripezinha.

Trata-se da mais perfeita tentativa desastrosa de golpe latino-americano. Tudo errado, improvisado e, pior, gravado. As provas são eloquentes, gritantes e condenam os personagens dessa opereta de segunda categoria. Há rastros e pegadas por todos os lados. Agora, que o golpe se desmanchou no ar, uns e outros se escondem atrás de explicações duvidosas e infantis. Eram apenas golpistas desastrosos que, por incompetência, não souberam ganhar a eleição, nem dar um golpe. Em 1964, os militares tiraram Jango do poder com apoio da classe média, dos principais jornais, do empresariado e, importante, de Washington. Dessa vez, nada disso estava presente.

Mas se o golpe tivesse dado certo, provavelmente, o primeiro ato seria derrubar Bolsonaro. Ele não retornaria dos Estados Unidos. Um dos generais de quatro estrelas assumiria o poder para conduzir a execução da garantia da lei e da ordem. O país viveria em estado de sítio, com Congresso fechado, interferência no Judiciário, liberdades individuais suspensas e influência dos religiosos neopentecostais. Ou seja, os pastores de televisão teriam importante participação na política. O Brasil, em vez de se transformar em grande Portugal, tornar-se-ia em Brasilquistão, controlado por mão de ferro por militares e pela moral preconceituosa dos religiosos. O resto é fácil de



intuir: censura, tortura, perseguição e cassação de lideranças. O Exército seria transformado no maior partido político brasileiro. O país viu este filme. E não gostou.

Esse pesadelo passou, ao menos, por agora. O melhor sinal da mudança é que o Brasil vai receber nos dias 21 e 22 deste mês, na Marina da Glória, no Rio de Janeiro, chanceleres das 20 maiores economias do mundo para debater as tensões atuais e a possível reforma dos órgãos de governança global. O ministro Sergei Lavrov, da Rússia, confirmou sua presença. Antony Blinken, dos Estados Unidos, anunciou sua vinda. Os representantes dos grandes do mundo vão iniciar os trabalhos para preparar o encontro dos presidentes que deverá ocorrer em novembro deste ano. Nada disso ocorreria se o golpe tivesse dado certo.

Bolsonaro e seu extravagante ministro de Relações Exteriores comemoravam o fato de o Brasil ter se tornado um pária mundial.

Esta reunião terá desdobramento imediato. Na semana seguinte, Fernando Haddad receberá, em São Paulo, os ministros da Fazenda e os presidentes de Bancos Centrais do G20 que vão traçar caminhos para garantir o crescimento da economia mundial. Enquanto isso, Lula foi ao Egito, passeou diante das pirâmides e teve reuniões com o presidente do país, Abdul Fatah Khalil Al-Sisi. Depois participou da 37ª Cúpula dos Chefes de Estado e Governo da União Africana, que reúne 55 chefes de estado do continente, em Adis Abeba, Etiópia. A diplomacia brasileira se mexe, a política interna procura seus limites e o país funciona normalmente. Os golpistas vestiram o pijama.

## Um novo Brasil e as lições para Brasília

» VALDIR OLIVEIRA  
Ex-secretário de Desenvolvimento Econômico do Distrito Federal

O Índice Omie de desempenho econômico das Pequenas e Médias Empresas indica que os pequenos negócios tiveram um crescimento superior ao Produto Interno Bruto (PIB) no ano de 2023, alcançando um crescimento de 7%. Esse crescimento mostra a agilidade na resposta dos pequenos negócios diante da retomada da economia. Os pequenos negócios são os primeiros a sentir os efeitos de uma crise, mas também são os primeiros que dão sinais de saída da mesma crise. Priorizar os mais vulneráveis nas ações governamentais é a receita para um desenvolvimento com geração de empregos e distribuição de renda.

O pior dos indicadores para os mais pobres é a inflação. O ano de 2023 foi marcado pelo controle e estabilidade na inflação, mantendo os preços em patamares seguros para o planejamento de pequenos investimentos e segurança nas decisões. Isso levou a uma tendência de queda, mesmo tendo ajustes necessários em contas públicas que podem impactar no desequilíbrio fiscal. Mas a conduta da política econômica e a manutenção de um ambiente político saudável e equilibrado deram segurança aos agentes econômicos para que mantivessem sua confiança e expectativas positivas em relação ao futuro do País.

Outro indicador que pode atrapalhar muito na retomada da economia é a taxa de juros de mercado. O custo do dinheiro nos bancos alcançou patamares proibitivos ao consumo e ao investimento. A manutenção de uma Selic elevada com uma inflação baixa dá ao Brasil as maiores, senão uma das maiores, taxas de juros reais do mundo. A queda da Selic promovida em 2023, mesmo sendo em velocidade abaixo das expectativas dos mais otimistas, trouxe mais uma pitada de entusiasmo àqueles que queriam realizar seus sonhos de consumo ou seus investimentos no negócio próprio.

O crescimento dos empregos em 2023 alcançou patamares muito positivos, chegando a ter recorde de geração de empregos em alguns meses. A pequena empresa foi a grande responsável por puxar esse crescimento, chegando a mais de 70% dos postos de trabalho criados no ano. Com a volta do ganho real no salário mínimo no Brasil, a renda dos trabalhadores ganhou mais força, tendo superado a inflação. Com isso, tivemos aumento de empregos, com aumento de renda dos mais pobres, que direcionam seus recursos para consumo, por sua característica não rentista.

Mesmo com tudo isso, sem consumo, não temos faturamento nas empresas. Sem faturamento, a máquina da economia não vai girar. Para resolver essa questão, o governo federal apresentou o Desenrola, uma solução para reduzir o endividamento das famílias. Com o programa, milhões de brasileiros e, por consequência, suas famílias, conseguiram liberar sua renda para voltar a consumir. Se o comércio não vende, a indústria não produz. Para evitar a estagnação do sistema econômico, precisamos da volta dos consumidores aos comércios, para fazer girar e crescer o sistema econômico. O Desenrola vem com essa missão, deixar os consumidores livres para que possam voltar a consumir.

Esse ambiente propiciou o crescimento dos pequenos negócios em parâmetros superiores ao crescimento do PIB em 2023. Mas temos um grande desafio para 2024: Crédito. Mesmo com a consolidação da queda da taxa de juros, ainda é elevado o custo do dinheiro no sistema financeiro. Baratear o crédito será o grande estímulo ao consumo e aos investimentos na consolidação do novo momento da economia brasileira. É natural que as famílias voltem a se endividar para aquecer os pequenos negócios com o consumo, mas precisam ter condições mais favoráveis de juros para evitar que esse endividamento não transforme o seu sonho de consumo em um grande pesadelo. Isso está diretamente ligado ao custo de captação dos bancos. Por isso, é necessária uma redução da Selic de forma mais ousada, além da busca de recursos mais baratos que os de mercado.

As ações do governo deixam claro as suas prioridades. A distribuição de renda trará o aquecimento da economia, fazendo com que todos ganhem. Governar para os mais pobres é desenvolver o país e proporcionar oportunidades para a sociedade. Não será com aumento de impostos, como fez o Governo do Distrito Federal com a elevação da alíquota modal do ICMS, que faremos a promoção do desenvolvimento, porque, ao majorar o imposto de consumo, o GDF penaliza os mais pobres. Será com a distribuição de renda, como fez o governo federal, que faremos a sociedade prosperar. A lição está dada, só resta ao GDF aprender.

## O carnaval carioca e sua serendipidade

» RICARDO NOGUEIRA VIANA  
Delegado chefe da 35ª DP e professor de educação física

Terminou o carnaval, a maior festa popular do Brasil. Apesar do que muitos pensam, a origem do evento não é nacional, contudo, graças ao amálgama étnica e cultural característica desta nação, foi aqui que a comemoração se potencializou. Em um país de dimensões continentais, o festejo assume peculiaridades em cada região, mas é no eixo Rio-São Paulo que a festa adquire contornos épicos, seja do ponto de vista econômico, social, seja pedagógico. É no interior de uma escola — mas não a tradicional, e, sim, em uma escola de samba — que o Brasil é capaz de ver, ouvir e interpretar os saberes populares, conhecer ídolos adormecidos e debater temas sociais como o preconceito racial.

Áxé, frevo, maracatu, mas é de samba que eu vou. Não há como se dissociar o carnaval do samba. Esse, sim, é genuinamente brasileiro. O samba é nosso e surgiu da junção do povo africano à nossa população. Uma escola de samba tem um trabalho social, inclusivo e disruptivo junto às suas comunidades. Milhares de pessoas atuam no processo de criação e execução, mas são nos seus 75 minutos de desfile que se desafiaram a se movimentar, produzir conhecimento e transformar pessoas.

Em 1988, ao comemorar os 100 anos da abolição da escravidão, a campeã daquele ano, Unidos de Vila Isabel, levou à Marquês de Sapucaí o enredo *Kizomba, Festa da Raça*. A agremiação fez um desfile politizado, que teve o intuito de transformar os 100 anos da celebração da Lei Áurea em uma manifestação de luta contra o racismo.

Em seu samba-enredo, a agremiação entoou em seus versos: “Esta kizomba é nossa Constituição”.

Neste ano, a Viradouro sagrou-se a campeã do carnaval. O enredo *Arroboboi, Dangbé* (salve o espírito infinito da serpente) retratou o século 17 em Benin, país africano. A narrativa contou a história das guerreiras Mino, do reino de Daomé, e fez referência à força das mulheres negras por meio do culto africano à cobra sagrada vodum. Um resgate da ancestralidade africana que edificou parte da cultura e da sociedade brasileira. A Sapucaí cantou: “Lealdade em brasa rubra, fogo em forma de mulher, um levante à liberdade, divindade em Daomé. Já sangrou um oceano pro seu rito incorporar, num Brasil mais africano, outra areia, mesmo mar”.

No mesmo tom, a Portela rompeu a avenida parafraseando o livro *Um defeito de cor* de Ana Maria Gonçalves. A escola abordou a história da genitora do abolicionista Luiz Gama, que viaja ao Brasil em busca do seu filho. Na adaptação, a agremiação refletiu sobre o sentido da existência dos negros no Brasil, da mulher negra, suas ancestralidades e identidades. É um diálogo do Brasil diverso com o perverso, um colóquio que retrata as mães negras que são impedidas da criação dos seus filhos; seja por questões financeiras; jornadas excessivas de trabalho; seja pela violência urbana. A azul e branco bradou: “Tal a história de Mahin, liberdade se rebelar, nasci quilombo e cresci favela”.

A escola de samba Paraíso do Tuiuti homenageou João Cândido, um marinheiro descendente

de escravizados que liderou a chamada Revolta da Chibata, um movimento em que militares da Marinha — todos praças, e negros em sua maioria — exigiam o fim do uso da chibata como forma de castigo. Apesar de reprimendas semelhantes terem sido proibidas pelo tenro regime republicano, urge ressaltar que a reivindicação ocorreu em 1910, ou seja, 22 anos após o fim da escravidão. Oficiais e praças morreram durante as ações, João Cândido consegue mediar o fim do levante com o compromisso do Estado brasileiro de banir o castigo físico e conceder anistia aos revoltosos. Entretanto, o compromisso foi quebrado pelo governo, que permitiu a expulsão e punição dos marinheiros revoltosos. João foi expulso da corporação, preso e, posteriormente, diagnosticado como louco, vindo a óbito em 1969.

O carnaval é universal, mas o samba é brasileiro e é negro. Fazendo referência à introdução do livro de Ana Maria Gonçalves, o samba é serendipidade; um ritmo que vai além, que transcende; que, por meio do movimento humano, suscita dinheiro, diversão, mas traz em seu bojo cognição, empoderamento e reflexão. Das histórias que narrei, foi pela de João Cândido que me apaixonei. A instituição que depreciou o branco de sua farda com o sangue dos marinheiros repreendidos é a mesma que apareceu recentemente flertando com o autoritarismo. João Cândido, um verdadeiro almirante e mestre dos mares. “Salve o navegante negro que tem por monumento as pedras pisadas do cais.”